

Špánková, Silvie; Queirós, Eça de

Queirós, Eça de (1845–1900): A Ilustre Casa de Ramires (1900)

In: Špánková, Silvie. *(Des)colonização na literatura portuguesa contemporânea : breve antologia de textos literários e ensaísticos com atividades*. 1. vyd. Brno: Masarykova univerzita, 2014, pp. 71-73

ISBN 978-80-210-7053-0; ISBN 978-80-210-7056-1 (online : Mobipocket)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/130547>

Access Date: 17. 02. 2024

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

Queirós, Eça de (1845–1900): A Ilustre Casa de Ramires (1900)

No romance do famoso escritor das correntes realista e naturalista abandonam-se por completo as doutrinas realístico-naturalistas e opta-se por uma história sobre a História, de um Portugal medievo, ressuscitado por um dos últimos portugueses de velha cepa, um abencerragem fidalgo de nome Gonçalo Ramires. Apesar de este ser, pela sua ambição, impulsionado para a política, perde rapidamente todas as ilusões que o moveram para a ação social, preferindo partir para uma África sonhada, imaginada e idealizada.

Mas o Gouveia insistia, com superioridade, um sentimento verdadeiro da vida positiva:

- Olhe, sr.^a D. Graça, acredite Vossa Excelência, sempre era melhor arranjo para o Gonçalo que a África ... Eu não acredito nesses prazos ... Nem na África. Tenho horror à África. Só serve para nos dar desgostos. Boa para vender, minha senhora! a África é como essas quintarolas, meio a monte, que a gente herda de uma tia velha, numa terra muito bruta, muito distante, onde não se conhece ninguém, onde não se encontra sequer um estanco; só habitada por cabreiros, e com sezões todo o ano. Boa para vender.

Gracinha enrolava lentamente nos dedos a fita do avental:

- O quê! vender o que tanto custou a ganhar, com tantos trabalhos no mar, tanta perda de vida e fazenda?

O administrador protestou logo, com calor, já enristado para a controvérsia:

- Quais trabalhos, minha senhora? Era desembarcar ali na areia, plantar umas cruces de pau, atirar uns safanões aos pretos ... Essas glórias de África são balelas. Está claro, Vossa Excelência fala como fidalga, neta de fidalgos. Mas eu como economista. E digo mais ...

O seu dedo agudo ameaçava argumentos agudos.

«Titó» acudiu, salvou Gracinha:

- Oh Gouveia, nós estamos a tirar o tempo à prima Graça, que anda nos seus arranjos. Essas questões de África são para depois, com o Gonçalo, à sobremesa... E então, minha querida prima, até domingo, em Craquede. Lá comparece o rancho todo. E quem atira os foguetes sou eu!

Mas Gouveia, cofiando o coco com a manga, ainda esperava converter a sr.[•] D. Graça às ideias sãs, sobre política colonial.

- Era vender, minha senhora, era vender! -Ela sorria, já consentia - tomando a mão do Videirinha, que hesitava, com os dedos espetados:

- E então, sr. Videira, tem agora algumas quadras novas para o «Fado»?

Corando, Videirinha balbuciou que «arranjara uma coisita, também num fado, para a volta do senhor doutor». Gracinha prometeu decorar, para cantar ao piano.

- Muito agradecido a Vossa Excelência . . . Criado de Vossa Excelência . . .

- Então até domingo, primo António . . . Está uma tarde linda.

- Até domingo, em Craquede, prima.

Mas à porta envidraçada, João Gouveia parou mais teso, bateu na testa:

- Já me esquecia, desculpe Vossa Excelência! Recebi uma carta do André Cavaleiro, da Figueira da Foz. Manda muitas saudades ao Barrolo. E quer saber se o Barrolo lhe poderia ceder daquele vinho verde de Vidainhos. É também para um africanista, para o conde de S. Romão ... Parece que a senhora condessa se pela por vinho verde!

(...)

Os fogachos e entusiasmos, que acabam logo em fumo, e juntamente muita persistência, muito aferro quando se fila à sua ideia ... A generosidade, o desleixo, a constante trapalhada nos negócios, e sentimentos de muita honra, uns escrúpulos, quase pueris, não é verdade? ... A imaginação que o leva sempre a exagerar até à mentira, e ao mesmo tempo um espírito prático, sempre atento à realidade útil. A viveza, a facilidade em compreender, em apanhar ... A esperança constante nalgum milagre, no velho milagre de Ourique, que sanará todas as dificuldades ... A vaidade, o gosto de se arrebicar, de luzir, e uma simplicidade tão grande, que dá na rua o braço a um mendigo... Um fundo de melancolia, apesar de tão palrador, tão sociável. A desconfiança terrível de si mesmo, que o acobarda, o encolhe, até que um dia se decide, e aparece um herói, que tudo arrasa ... Até aquela antiguidade de raça, aqui pegada à sua velha Torre, há mil anos... Até agora aquele arranque para a África ... Assim todo completo, com o bem, com o mal, sabem vocês quem ele me lembra?

- Quem?...

- Portugal.

Os três amigos retomaram o caminho de Vila-Clara. No céu branco uma estrelinha tremeluzia sobre Santa Maria de Craquede. E padre Soeiro, com o seu guarda-sol sob o braço, recolheu à Torre vagarosamente, no silêncio e doçura da tarde, rezando as suas ave-marias, e pedindo a paz de Deus para Gonçalo, para todos os homens, para campos e casais adormecidos, e para a terra formosa de Portugal, tão cheia de graça amorável, que sempre bendita fosse entre as terras.

Atividades:

1. Tente adivinhar a posição social dos interlocutores no extrato a partir das opiniões expostas. Qual é a sua relação para com o espaço africano?
2. Desenvolva o tema “Gonçalo como metonímia de Portugal”. Em que consiste a comparação de Gonçalo Ramires com Portugal? Tente refletir sobre a sua conveniência. Escolha uma característica que lhe pareça adequada e justifique a sua pertinência. Continue, desenvolvendo, o tema da identidade nacional.
3. Será possível identificar, neste extrato, uma crítica ao sistema colonial? Faça uma reflexão sobre a ambivalência que anima este texto literário.